

A ópera dos três vinténs¹

A exposição *Phenomena* é apresentada em três atos simultâneos, em três espaços do museu, onde em cada sala os artistas visuais Domingos Rego, Isabel Sabino e Rui Serra se contagiam mutuamente ao entrecruzar visões a propósito da matéria e dos seus limites de visibilidade, enquanto convergem num confluir de narrativas que se expandem e contaminam o pensar e o fazer artístico da contemporaneidade, numa representatividade poética transversal, mas não perdendo a individualidade de cada um. Como nos dizem os autores, “numa experiência mais alargada em que *périplo*, *pro* e *polis* são, afinal, desafios da abertura perceptiva e conceptual, da fluidez fenomenológica de cada elemento do projeto e do todo.”

A construção deste tríptico plural *Phenomena* é lugar onde a pintura, o desenho, a fotografia, os objetos, o vídeo e a instalação se materializam transversalmente, numa lógica de questionamento que aborda os conceitos de Natureza, do Corpo e da Cultura. Num encontro simbólico com o real, reintegrando conceitos de forma fragmentada num campo expandido, *Phenomena* associa três exposições: *périplo* de Domingos Rego, *pro* de Isabel Sabino e *polis* de Rui Serra.

Na exposição *polis* de Rui Serra encontra-se uma série de trabalhos tridimensionais posicionados no centro da sala de modo a formarem uma grande cidade imaginária. Como nos diz o artista, “são maquetes de espaços indefinidos oriundos de uma desconhecida (e hipotética) civilização futura. São restos e fragmentos de ruínas, indícios de presença humana.” Esta apropriação do artista permite a perceção das várias composições abstratas que se vão formando num movimento pragmático de miniaturas que ganham protagonismo onde o espaço se encontra com o tempo, gerando um novo espaço num futuro longínquo e num lugar indeterminado. “A miniatura é um exercício de frescor metafísico; permite mundificar com pequenos riscos. E que descanso em tal exercício de mundo dominado! A miniatura descansa sem nunca adormecer. A imaginação permanece vigilante e feliz.”² O visitante é convocado a realizar uma viagem onírica, deslocando-se num sono intermédio de perceção cósmica, no qual a ficção científica é protagonista.

Rui Serra é metamorfozado num arqueólogo do futuro onde a sua cidade ficcionada num passado distante simboliza todas as cidades onde se cruzam sonhos, memórias e emoções. “Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos;

¹Apropriação do título da peça de teatro musical do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, com música do compositor Kurt Weill (1928).

² Gaston Bachelard, in: *A Poética do espaço*, p. 302.

mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do passado.”³ Os objetos artísticos que compõem esta instalação são pedaços da relação de Rui Serra com a sua capacidade criativa, materializada na sua inquietude e constante exaltação de construção e desconstrução arrojada e engenhosa.

No fim deste percurso (ou será no início?) surge a obra *Sísifo*, instalada no nicho da sala como contraponto à instalação *polis*, simbolizando a procura constante e infinita do Homem do sentido existencial, num mundo ilógico e caótico. Tal como em Albert Camus⁴, Rui Serra evoca essa insatisfação num consciente resgate emocional da criação artística.

Sofia Marçal

³ Italo Calvino, in: *As cidades invisíveis*, p. 6.

⁴ No seu ensaio filosófico *O mito de Sísifo*.